

GUERRA E URBICÍDIO NA UCRÂNIA: DINÂMICAS ESPACIAIS DE DESTRUIÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA CIDADE, O EXEMPLO MARIUPOL

Márcio José Mendonça¹

Resumo: Este artigo explora a maneira como a cidade de Mariupol se tornou objeto de disputa entre russos e ucranianos e descreve os métodos de destruição e construção do espaço urbano desenvolvidos na guerra que se trava na cidade, demonstrando, assim, que é objetivo da guerra urbana ser ferramenta de desapropriação e controle espacial. Com foco na guerra urbana, ao analisar as dinâmicas espaciais do conflito e as transformações no espaço urbano causadas pela guerra, o artigo aborda a questão do urbicídio, já que os combates na cidade configuraram uma ação deliberada de destruição do espaço urbano e de sua infraestrutura. Assim, o urbicídio de Mariupol implicou destruição do tecido urbano da cidade, e, significativamente, o processo continuou com a reconstrução projetada para impor um novo arranjo espacial, generativo de novos espaços, como forma de controle e exclusão socioespacial que opera por dinâmicas de urbanização do urbicídio.

Palavras-chave: Guerra urbana; Urbicídio; Mariupol.

War and Urbicide in Ukraine: Spatial dynamics of destruction and reconstruction of the City, the Mariupol example

Abstract: This article explores how the city of Mariupol became the object of a dispute between Russians and Ukrainians and describes the methods of destruction and construction of urban space developed in the war that is taking place in the city, thus demonstrating that the objective of urban warfare is to be a tool of spatial dispossession and control. Focusing on urban warfare, by analyzing the spatial dynamics of the conflict and the transformations in urban space caused by the war, the article addresses the issue of uricide, since the fighting in the city constituted a deliberate action of destruction of urban space and its infrastructure. Thus, the uricide of Mariupol implied the destruction of the city's urban fabric, and, significantly, the process continued with the reconstruction designed to impose a new spatial arrangement, generating new spaces, as a form of socio-spatial control and exclusion that operates through the dynamics of urbanization of uricide.

Keywords: Urban warfare; Uricide; Mariupol.

Guerra y Urbicídio en Ucrania: Procesos y dinámicas espaciales de destrucción y reconstrucción de la ciudad, el ejemplo Mariupol

Resumen: Este artículo explora cómo la ciudad de Mariupol se convirtió en objeto de disputa entre rusos y ucranianos y describe los métodos de destrucción y construcción del espacio urbano desarrollados en la guerra que se desarrolla en la ciudad, demostrando así que el objetivo de la guerra urbana es ser una herramienta de desposesión y control espacial. Centrándose en la guerra urbana, a través del análisis de la dinámica espacial del conflicto y las transformaciones en el espacio urbano provocadas por la guerra, el artículo aborda la cuestión del urbicidio, ya que los combates en la ciudad constituyeron una acción deliberada de destrucción del espacio urbano y su infraestructura. Así, el urbicidio de Mariupol implicó la destrucción del tejido urbano de la ciudad y, significativamente, el proceso continuó con la reconstrucción diseñada para imponer un nuevo ordenamiento espacial, generando nuevos espacios, como una forma de control y exclusión socioespacial que opera a través de la dinámica de urbanización del urbicidio.

Palabras clave: Guerra urbana; Urbicídio; Mariupol.

Introdução

Os confrontos geopolíticos envolvendo potências globais e disputas regionais se manifestam em cidades com a implosão do crescimento urbano. Nesse caminho, a guerra também está sendo urbanizada de forma abrangente numa espiral de violência política nas e contra as cidades. Exemplos não faltam do Norte ao Sul Global, da Europa ao Oriente Médio, de uma série de questões de segurança que são ponto de inflexão da geopolítica das cidades no mundo contemporâneo. Urbanização e medo já são quase sinônimos, e o espaço urbano, muito além da perspectiva do planejamento e do desenvolvimento econômico, já é tratado como um ambiente de combate entre

¹ Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo (SEDU-ES). Brasileiro. E-mail: marcoriei@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7980-6001>.

tropas convencionais, grupos terroristas e todo o tipo de agentes armados que atuam na cidade (GRAHAM, 2004c; 2011; SOUZA, 2008; MENDONÇA, 2022).

O cenário de urbanização da guerra e militarização das cidades é analisado no artigo a partir do contexto da guerra na Ucrânia, um conflito de ordem regional, mas que aglutina uma série de interesses globais, com envolvimento e participação, além da Rússia e da própria Ucrânia, de potências globais como Estados Unidos e Reino Unido. Por interferência da OTAN de um lado e dos aliados da Rússia de outro, uma série de países se aproximam de seus parceiros e se distanciam ao mesmo tempo do conflito à medida que a guerra evolui e o cenário geopolítico se altera enquanto as cartas são lançadas na mesa. Com foco no conflito em terreno urbano na Ucrânia, o artigo aborda os processos e as dinâmicas espaciais de destruição das cidades e reconstrução do espaço urbano pelo prisma do urbicídio, ao mostrar que na guerra nas e contra as cidades, destruição e reconstrução são instrumentos da geopolítica que ganham força transformando cenários urbanos e regionais no contexto da guerra em ambiente construído.

Para oferecer um olhar abrangente da situação e do fenômeno da guerra na perspectiva dos processos e tipologias das formas urbicidas que se materializam no espaço, o artigo recorre a uma abordagem comparada que utiliza fontes de reportagens, relatórios, documentários e demais produções audiovisuais, além de referências relevantes sobre o tema do urbicídio e da guerra urbana na Ucrânia, com o propósito de extrair uma síntese das dinâmicas e mudanças em curso no espaço urbano. Com base nessa metodologia, o artigo concentra-se na cidade de Mariupol, símbolo e expressão espacial dessas dinâmicas. Para tanto, o artigo é dividido em três partes. Na primeira seção a teoria sobre o urbicídio é discutida com base em estudos e exemplos variados a partir de diferentes realidades e cenários geopolíticos. A segunda seção, por sua vez, focaliza a questão do conflito em ambiente construído e as dinâmicas de combate urbano na Ucrânia. Na terceira e última parte recorro novamente ao conceito de urbicídio e trato de sua interface de urbanização, para analisar o caso de Mariupol, em que, buscando demonstrar que o urbicídio tem sido um instrumento político destinado a alterar o cenário urbano, delinheio as formas como se dá esse processo.

Urbicídio: formas de destruição e reconstrução do espaço urbano

Em sua estrutura o artigo focaliza a destruição e reconstrução da cidade de Mariupol, no contexto da guerra urbana que se desenvolveu na cidade, após o início da invasão russa, em fevereiro de 2022, quando forças russas e ucranianas passaram a lutar pelo controle da cidade. Baseando-se em outros exemplos da história de destruição e transformação das cidades em circunstâncias de conflitos armados, casos da Palestina, Síria, Líbano, Bósnia e Brasil, a partir do caso do Rio de Janeiro, a hipótese de trabalho do artigo destaca que existem ligações dos meios de destruição direta do urbicídio com métodos indiretos de controle do espaço urbano. Nessa perspectiva, além da destruição do espaço urbano por meios militares, o urbicídio também implica a configuração de novos arranjos espaciais a partir de formas de organização e reconstrução do espaço urbano.

Para efeito de análise, as discussões sobre urbicídio, com ênfase no caso dos Balcãs e do Oriente Médio, fornecem conhecimento e experiência sobre os mecanismos e técnicas militares do processo de urbicídio. Neste sentido, os trabalhos de Martin Coward (2004, 2009) sobre a Bósnia oferecem uma análise original do problema da destruição do espaço urbano partilhado como técnica de guerra contra a apropriação coletiva da cidade. Segundo Coward (2004, 2009), a ação urbicida, ao atacar o espaço comum que permite uma experiência heterogênea do espaço urbano, visa, como fim último, criar homogeneidade territorial a partir de uma política excludente. Stephen Graham (2004a, 2004b, 2011), por sua vez, oferece uma visão mais abrangente sobre o urbanismo militar e a questão do urbicídio, a partir dos casos palestino e iraquiano, analisando o urbicídio como uma violência antiurbana ou anticidade no contexto da guerra ao (ou contra o) terror(ismo). Com foco ainda na questão da Palestina, Eyal Weizman (2002, 2004, 2012) evidencia as formas de controle socioespacial dos Territórios Palestinos Ocupados. Destaca que a política de urbanização e expansão dos assentamentos dos colonos israelenses se inscreve numa política mais ampla de controle tridimensional do território, combinando ações de destruição e planejamento urbano. Outros exemplos de urbicídio são a fragmentação do espaço urbano de Beirute na Guerra Civil Libanesa (FREGONESE, 2009; 2019) e, não menos impactante, a destruição massiva de cidades, assim como a reorganização do espaço e infraestrutura urbana, na Guerra da Síria (SHARP, 2016), ambos os conflitos marcados pela presença de milícias armadas e por interferência estrangeira.

Embora articulem vários casos interessantes e resultem de pesquisas inovadoras de proeminentes pesquisadores, os trabalhos mencionados acima sobre o urbicídio, ainda assim, possuem algumas limitações, especialmente no que tange a abordagem mais restrita da experiência cotidiana de opressão em ambiente de conflito. A despeito de outras percepções, à questão do urbicídio na Palestina é concedida muita ênfase na perspectiva de abordagem ocidental, com foco nas táticas e estratégias de destruição, enquanto o ponto de vista da experiência vivida pelas pessoas na cidade e as formas de resistência possuem pouca importância. Esta ausência de experiência de ocupação, opressão e resistência ao urbicídio, de certa maneira, é contrabalanceada pela investigação de Nurhan Abujidi (2014), que realizou um amplo mapeamento de diferentes técnicas de opressão e resistência do povo palestino em condições urbanas tão extremas, a partir de extenso levantamento documental e trabalho de campo.

Em perspectiva semelhante, cite-se o nosso trabalho sobre o urbicídio no Rio de Janeiro (MENDONÇA, 2022), com foco na especificidade e nas nuances da experiência complexa de vida na cidade, de grupos segregados e marginalizados, que vivem em territórios precários e de grande insegurança, marcados pela violência cotidiana de ação de grupos armados e políticas de modernização movidas por ações de espoliação/desposseção urbana. Ele fornece uma contribuição relevante sobre as diferentes tipificações do ambiente urbicida, mostrando que no Rio de Janeiro as incursões violentas da polícia em favelas e espaços segregados, muitas vezes conduzidas em interface com a política de reestruturação urbana da cidade, implicam ações de remoção forçada e outras violações. Na mesma medida, grupos armados ilegais, ligados a atividades ilícitas de oferta e venda de

serviços e imóveis urbanos, também atuam de forma draconiana, desapropriando e expulsando moradores de favelas controladas por grupos armados com domínio de território. Assim agem, por exemplo, facções do tráfico de drogas e grupos milicianos que atuam na cidade. O próprio Estado, pelo exercício da violência, que cria um ambiente de medo e submissão, também impõe a sua vontade e interesses escusos.

Nos termos então observados, cabe destacar que o estudo do urbicídio, na concepção aqui desenvolvida, assume um papel analítico com o propósito de compreender a maneira como as práticas de destruição urbana e produção do espaço geográfico se dão, tendo como atores grupos armados que agem no contexto da militarização do espaço urbano.² Nessa perspectiva, numa primeira aproximação, o urbicídio pode ser compreendido, ainda que de forma genérica, como práticas e meios militares com fins políticos, que visam, no fundo, além de vencer o inimigo, a destruir o seu *habitat*, negando-lhe a cidade e o espaço urbano como substrato de reprodução ou esconderijo. Dessa maneira, o que estamos vendo nos conflitos recentes é um processo de destruição da cidade e de sua infraestrutura, com o objetivo de negá-la a um ou mais grupos, em específico, que vivem e resistem na cidade, vistos como inimigos. Trata-se, em termos simples, de uma forma de violência contra a cidade e seus habitantes, em outras palavras, de uma ação deliberada de destruição do ambiente construído e da urbanidade que propicia a vida na cidade, com a intenção de atingir, pelo uso da força, uma finalidade política (MENDONÇA, 2022).

Entende-se, portanto, que o urbicídio visa a destruição parcial ou total do cenário urbano, que inclui a infraestrutura e paisagem, além do próprio tecido urbano e a sua rede construída. Como foi ressaltado, a ação urbicida pode se desenvolver em diferentes níveis de destruição a partir de táticas e métodos também diferentes entre si. Sobre a natureza da destruição urbicida, do nível e escala da destruição e da tipologia das edificações destruídas, Abujidi (2014) esclarece que há pelo menos duas formas de urbicídio: *urbicídio direto* e *urbicídio indireto*. Segundo ela, o urbicídio direto consiste numa ação pautada na destruição material/espacial direta e deliberada do ambiente urbano. Esta forma pode ser projetada em três casos: urbicídio extremo, quando ocorre a aniquilação completa do espaço urbano com a finalidade de destruir a identidade coletiva nacional; destruição deliberada de edifícios de uma determinada tipologia urbana com significado simbólico para o “outro” como uma forma de ataque ao urbano como lugar de identidade, como é o caso de destruição de edifícios religiosos, nacionais e culturais com relevante valor histórico e simbólico; e destruição “desenfreada” do ambiente urbano (o urbano como corpo político e lugar de identidade ao mesmo tempo). Esta destruição implica destruição

² Sobre o termo militarização do espaço urbano e seus muitos usos e associação entre a palavra “urbano ou urbanismo” e o termo “militar ou militarização”, é preciso destacar que urbano é relativo ou aquilo que pertence à cidade e urbanismo consiste no saber e técnica de organização e racionalização das aglomerações urbanas que permitem criar condições adequadas às populações que vivem na cidade. Seu significado também pode remeter ao modo de vida característico das cidades. Militarização do espaço urbano, por sua vez, refere-se à questão do ponto de vista militar do próprio urbano. Por isso, vai muito além do conceito de urbanismo puro e simples, sendo mais condizente com a ideia de urbano militar, organização e presença de equipamentos e dinâmicas militares incorporadas ao ambiente urbano. No Brasil a militarização da questão urbana envolve sentimentos difusos e cada vez mais eivados de medo e insegurança, reverberados e retroalimentados pela mídia e pelo sistema político-eleitoral, cujo foco é a repressão interna, de fundo racista, contra o próprio povo, que ocorrem majoritariamente nos espaços segregados das grandes cidades e contra aqueles que são mais pobres.

massiva de todas as tipologias de construção sob ataque, como aconteceu em Gaza em resposta ao ataque do Hamas de 7 de outubro de 2023.³

O outro modo, o urbicídio indireto, consiste em medidas que levam a minar a urbanidade com uma destruição física lenta e menos visível, por meio de leis proibitivas e ações que causem destruição indireta ao meio urbano. Esta forma de urbicídio é concretizada com a adoção de medidas de construção destinadas a atingir controle socioespacial do ambiente urbano para subjugar a urbanidade natural. Como exemplos podemos citar o Muro do Apartheid e os postos de controle israelitas, que naturalizam a exclusão dos árabes na Palestina.

Assim, cabe ver o urbicídio como um processo que pode ser aplicado de diferentes maneiras e em cenários muito diversos, que envolvem a negação do “outro” e do sentido de viver na cidade, manifesto na desumanização e na demonização da urbanidade/espacialidade do grupo alvo da ação urbicida. Faz parte do processo de desenvolvimento do urbicídio intensa propaganda para legitimar tanto o ataque quanto a destruição do lugar/espço do inimigo. São exemplos disso a campanha dos Estados Unidos de “Guerra ao Terror”, que incorreu na invasão do Afeganistão e do Iraque, e as sucessivas intervenções militares e expansão dos assentamentos israelenses na Palestina, ambos os casos com forte apelo discursivo de negação do “outro” a partir do uso abusivo de metáforas bélicas. Ações violentas de intervenção militar em favelas e espaços segregados do Rio de Janeiro legitimadas pelo discurso de “Guerra às Drogas” se inserem nesse mesmo âmbito. Por isso, à medida que o urbicídio evolui, as suas ações de planejamento, a dinâmica de controle e os episódios destrutivos geram uma nova realidade da cidade, marcada pela condição física/espacial de exclusão e precarização do lugar; temos a manutenção de um estado de exceção constante, que altera a percepção e experiência dos sujeitos que vivem nesse espaço (ABUJIDI, 2014; MENDONÇA, 2022).

Além da destruição direta ou da indireta produzidas pelo urbicídio, que enfatizam os meios militares para privar e destruir as condições socioespaciais de apropriação e pertencimento ao lugar/espços de grupos alvos, o urbicídio, ao operar por mecanismos de espoliação/desposseção, também configura uma importante economia política do espaço urbano baseada reiteradamente em atividades ilícitas. Essa importante característica do urbicídio, nem sempre levada em consideração, foi melhor discutida em nossos trabalhos anteriores (MENDONÇA, 2022, 2024b), com atenção especial ao caso do Rio de Janeiro. Neste o propósito foi dar conta de uma forma de operacionalização da atividade urbicida, de cunho exploratório e espoliativo, que participa da produção do espaço urbano e organiza um nicho de mercadorias e serviços urbanos ilegais na cidade.

Assim, ocorre no Rio de Janeiro o desenvolvimento de um modelo predatório de apropriação do espaço urbano efetuado por práticas de espoliação/desposseção que se inscrevem numa luta pelo monopólio da renda urbana, ou seja, trata-se de uma forma de monopólio da renda que assume caráter urbicida pelos métodos de violência política aplicados com uso de meios militares. Nesse aspecto, tanto as obras de reestruturação urbana que fizeram parte dos projetos da cidade para a Copa do Mundo de

³ Sobre o desdobramento do fenômeno do urbicídio em Gaza desencadeado após os acontecimentos de 7 de outubro de 2023, ver em detalhes Mendonça (2024a).

2014 e para os Jogos Olímpicos de 2016, notáveis por suas ações violentas de remoção de moradores de áreas próximas aos equipamentos urbanos das competições, quanto a própria ação de facções do tráfico de drogas e das milícias que controlam ramos importantes da oferta de serviços urbanos (clandestinos) e participam da atividade de construção civil e venda (ilegal) de terra e imóveis urbanos, no Rio de Janeiro, vendem um modelo de urbanização baseado na violência e medo. Segundo Harvey (2014a, 2014b), essas ações também podem ser vistas como uma abordagem urbanizada de guerra social e de classe contra a população, uma espécie de modelo de sociedade que vive em “guerra civil”, que mescla, portanto, a aplicação de políticas públicas e atividades empreendedoras que produzem violência política, incorporadas por grupos armados ou por empreendedores imobiliários.

Embora a dinâmica predatória do urbicídio e as suas faculdades seja um elemento comum e importante do urbicídio, sua abordagem demanda uma espécie de recentramento da teoria e dos aportes conceituais de urbicídio, com foco no tratamento da complexidade da vida e realidade urbana. Para o caso do Rio de Janeiro, empregou-se a terminologia de “urbanização do urbicídio” com o propósito de corresponder à necessidade de tipificação da natureza do urbicídio para aquela realidade. Este aporte, por seu modo, além das práticas de destruição e pilhagem típicas do urbicídio, envolve hibridismo entre destruição e produção do espaço urbano, efetuados pelo próprio Estado e por grupos armados ligados ou não ao poder público, que operam pela espoliação/desposseção e configuração de uma economia política predatória do espaço urbano. Esse mecanismo atinge prioritariamente as populações de baixa renda, que vivem em espaços segregados e de grande insegurança, marcados pela violência cotidiana de repressão do Estado e pela ação de grupos armados com controle de território, como são as milícias e as facções do tráfico de drogas (MENDONÇA, 2022; 2024b).

Este tipo de urbicídio

[...] configura uma forma de conversão de espaços segregados e de exclusão, em espaços de espoliação/desposseção, que não são guiados pela doutrina neoliberal (“clássica”) de privatização e liberalização do mercado, mas, do contrário, um mecanismo de expropriação de terras e recursos urbanos, sem nenhuma regra aparente. Portanto, não verificamos a destruição completa da urbanidade, que sustenta a vida, em áreas de conflito nas cidades brasileiras, mas, por outro modo, formas de violência policial e ação de grupos armados com domínio de território, que atuam desenvolvendo práticas de controle e uso do espaço urbano, visando a fins econômicos e políticos⁴ (MENDONÇA, 2024b, p. 53).

Por esta exemplificação do urbicídio no cenário brasileiro, em particular no Rio de Janeiro, podemos dizer que o urbicídio, além de uma política de violência destrutiva contra o espaço urbano, também engendra um formato de produção do espaço urbano mediante atividades generativas de novos espaços urbanos. Tais ações podem implicar atividades ilícitas ou podem se desenvolver pela ação de grupos armados ilegais (exemplo da milícia e demais facções armadas que atuam no Rio de Janeiro) ou mercenários e outras modalidades de grupos armados privados, que são comuns na África, no Oriente Médio e na Ucrânia, respectivamente. Este novo arranjo espacial, por seu modo, visa à configuração de determinada ordem socioespacial de controle e exclusão, em que urbanização do urbicídio, no caso do Rio de Janeiro, não pode ser vista como caso isolado. Temos os casos dos Balcãs

⁴ O desenvolvimento de formas de espoliação/desposseção dos espaços urbanos praticadas por grupos armados já não é uma exclusividade do Rio de Janeiro, sendo notável em outras cidades e regiões metropolitanas do Brasil.

e do Oriente Médio, que fornecem exemplos espetaculares de construção e organização do espaço urbano em meio a práticas de violência urbicida, embora esse aspecto algumas vezes seja deixado de lado ou em segundo plano por seus pesquisadores.

Em última instância, independente da tipologia ou da escala de destruição do urbicídio e de sua interface com dinâmicas de construção do espaço urbano, o desenvolvimento do urbicídio é mais propenso a evoluir em ambiente de conflito armado ou em cenário de guerra urbana explícita. Por isso, cabe não só compreender as causas e consequências do fenômeno urbicida, mas de dar conta da relação entre a dinâmica do urbicídio e as táticas e técnicas de guerra urbana que se desenvolvem na cidade.

Guerra urbana na Ucrânia

A invasão russa da Ucrânia em 2022 demonstra mais uma vez a importância das cidades no cenário de combates em ambientes urbanos. Embora as cidades fossem alvos de ações militares desde a Antiguidade, uma cronologia convencional do campo de batalha moderno pode considerar a Guerra Civil Espanhola o primeiro exemplo de combate de natureza propriamente urbana. O próximo exemplo deve considerar sem dúvida a devastação urbana da Segunda Guerra Mundial, cabendo destacar as batalhas por Stalingrado e Berlim (travadas entre os exércitos da Alemanha nazista e da União Soviética pela posse das cidades), além de mencionar o bombardeio indiscriminado de Dresden, Hamburgo e Tóquio. Embora episódios emblemáticos em que a cidade foi alvo e os combates se desenvolveram no espaço urbano, uma virada urbana mais explícita só ocorreu com as experiências dos Estados Unidos em Mogadíscio, em 1993, com o conflito urbano travado em Sarajevo (1992-1996) e pela experiência russa em Grozny (1994-1995). E, se considerarmos os exemplos mais recentes de guerra urbana no Iraque e na Síria como parte dessa cronologia, todos incidentes denotam um “uma virada histórica para a guerra urbana”, como argumenta Anthony King (2021, p. 6, tradução livre).⁵

Tratando-se de guerra em ambiente urbano, combates em cidades são um tipo de conflito que possui características próprias, exigindo, portanto, novos modos de comportamento e de atuação dos soldados, por conta da presença de muitos civis e de um ambiente construído que oferece complexidade extrema ao campo de batalha. Assim, a compreensão do ambiente de conflito urbano demanda uma abordagem conceitual mais ampla, que dê conta da dinâmica e complexidade de combate do espaço urbano. Nesse âmbito, o geógrafo britânico Stephen Graham (2011), especialista no tema, sugere o emprego da concepção de espaço de batalha em vez de campo de batalha, espaço em geral amplo e aberto. Segundo Graham, o espaço de batalha não possui *front* nem retaguarda, tampouco deve ser visto como horizontalidade, mas como espaço profundo de várias camadas, onde o combate é sempre simultâneo à vida e a qualquer outra atividade: “O conceito de espaço de batalha permeia tudo, indo das escalas moleculares da engenharia genética e da nanotecnologia, passando pelos espaços cotidianos e experiências da vida da cidade, até esferas planetárias do espaço e o

⁵ Ver também Graham (2011) e Danielsson (2024).

ciberespaço da internet que atravessa o globo” (GRAHAM, 2011, p. 31, tradução livre). Na perspectiva enfatizada, o espaço de batalha pode ser qualquer lugar tomado como campo de batalha, com diferentes níveis ou camadas espaciais, a partir das estruturas preexistentes do lugar, que então são manipuladas por combatentes ou construídas com finalidades militares. São lugares onde, muitas vezes, os combates ocorrem em “espaços comuns” ou “ordinários”, em meio a salas de estar, escolas, áreas industriais, hospitais e supermercados, ambientes característicos de conflitos urbanos.

É preciso observar que muitos dos princípios reconhecidos que caracterizam a guerra urbana e que são aplicados hoje ao cenário densamente urbanizado e de grande densidade demográfica, em cidades, já eram aplicáveis à realidade do período pré-moderno. Por isso, para sua melhor apreciação, John Spencer (2021) oferece uma lista útil de oito critérios para descrever os princípios fundamentais da guerra urbana moderna, que, de acordo com Morag (2023), podem, em síntese, ser referidos da seguinte maneira:

1. Os defensores quase sempre têm uma vantagem tática, especialmente em cidades, embora isso não signifique que necessariamente terão sucesso no plano operacional ou estratégico de um conflito;
2. O terreno urbano inibe a capacidade da força atacante de usar inteligência, vigilância, reconhecimento, equipamentos aéreos e enfrentar os defensores à distância;
3. As forças atacantes têm dificuldade em utilizar o elemento-surpresa, pois elas são monitoradas pelas tropas de defesa, que podem permanecer escondidas, podendo, assim, se proteger dos ataques;
4. Os edifícios, especialmente os feitos de vigas de concreto reforçado ou de pedra, servem como *bunkers* fortificados a partir dos quais as forças de defesa podem disparar sobre as forças atacantes;
5. Os invasores costumam usar munições às vezes poderosas para acessar edifícios e negá-los às forças de defesa;
6. Os defensores têm a vantagem de uma circulação relativamente livre dentro da cidade e conhecimento íntimo das ruas, dos becos e dos labirintos — quando não estão sob vigilância ou ataque por veículos aéreos não tripulados ou por outros meios;
7. Os defensores podem construir túneis, depósitos de armas e uma série de outras instalações subterrâneas e usá-las para acessar vários locais ao redor da cidade. Os invasores geralmente têm pouco ou nenhum conhecimento sobre esses lugares;
8. Nem as forças de ataque nem as de defesa podem dispor dos seus recursos numa localização de forma concentrada. A concentração de forças é um dos fatores decisivos na guerra convencional no campo de batalha, pois, historicamente, o objetivo das operações de campo era concentrar suas forças para dizimar o exército inimigo.

A incapacidade de usar forças em massa tem desvantagens para ambos os lados, mas, no caso da força de defesa em tela, que é uma força irregular, e da força de ataque, que é uma força militar moderna — o que aconteceu em muitos casos da guerra urbana moderna pós-Segunda Guerra Mundial

—, os recursos tecnológicos, numéricos, e as vantagens de treinamento e equipamento de um exército moderno não podem, em muitos casos, ser aplicados tão eficazmente quanto seria possível em condições abertas de guerra. Assim, a força militar moderna é muitas vezes forçada a enfrentar uma situação em que há combatentes irregulares, com ambos os lados amplamente equipados, uma vez que carregam tipos de equipamentos semelhantes, e a vantagem de treinamento que um soldado moderno tem pode ser relativamente negada pelo fato de o conhecimento do terreno proporcionar uma defesa irregular ao combatente. Além disso, os defensores irregulares geralmente têm tempo suficiente para preparar a sua cidade para o conflito, incluindo tomada de medidas como a escavação de túneis, construção de depósitos de munições, estabelecimento de posições de atiradores, implantação de armadilhas e planejamento de emboscadas.

Dessa forma, o conflito urbano, muitas vezes uma guerra irregular travada em áreas edificadas, difere do combate convencional, ao ar livre, tanto no plano operacional quanto no tático. Fatores que incluem a presença de civis e a complexidade do terreno urbano são complicadores que interferem no conflito e implicam produção de conhecimento e táticas para atuar no espaço urbano. Danielsson (2024) faz, todavia, um contraponto, ao descrever a trajetória histórico-conceitual pela qual a ideia do urbano militar surgiu a partir da necessidade de uma nova ordenação espacial e epistêmica de ambientes urbanos, para se referir aos modos práticos nos quais uma organização militar produz conhecimento, na busca de alcançar proficiência militar em ambiente urbano por meio de ações administrativas e de intervenções de caráter cirúrgico, que a princípio buscam gerar menos impacto ou dano colateral. É de fato notável que os conflitos militares no Iraque, na Síria, na Faixa de Gaza, além da guerra na Ucrânia, também mostrem que o urbano é tratado, mesmo agora, com profundo desenvolvimento de recursos tecnológicos, como um espaço hostil, caótico e perigoso, que precisa ser domado ou até mesmo completamente destruído. Assim, ações de guerra conduzidas em espaço urbano por militares israelenses, americanos e russos, que ensejam vitórias militares no cenário urbano, visam a destruição mais substancial do espaço urbano, com o propósito de atingir grupos que usam o ambiente construído como abrigo e suporte para suas operações.

As cidades e sua extensa rede urbana oferecem às forças de defesa, sitiadas em prédios e outras estruturas urbanas, uma defesa significativamente baseada no espaço urbano por meio de esconderijos e defesas montadas no ambiente construído. Vale dizer que combatentes abrigados no espaço urbano também podem contar com as vantagens de extensa cobertura da estrutura civil oferecida no combate urbano. Diferentes de espaços amplos e abertos, ambientes urbanos de combate são muito próximos entre si; assim, dentro e ao redor dos edifícios é muito difícil garantir a segurança de não combatentes.

Isto limita a liberdade de movimento das forças invasoras convencionais e as torna mais vulneráveis a ataques, enquanto as mortes de civis e os danos em propriedades podem beneficiar as forças de defesa irregulares, atraindo atenção e ira contra as forças invasoras. A morte de inocentes numa cidade pode influenciar a opinião pública por parte dos habitantes na direção de fornecer apoio crescente às forças irregulares e alimentar maior ódio às forças invasoras. Assim, os defensores urbanos desfrutam de uma grande gama de vantagens, não apenas taticamente, mas também em termos de impacto local, nacional, e opinião global, algo que pode influenciar a

Nesse aspecto, as cidades ucranianas têm oferecido inestimável obstáculo às ações ofensivas das forças russas, que

[...] buscam a ocupação de assentamentos e cidades após a supressão e destruição das poderosas fortificações ucranianas, depósitos de munições e esgotamento de suas reservas, impulsionando avanços de infantaria leve e mecanizada apenas com a retirada de forças ucranianas ou destruição amplas de suas unidades. Tal metodologia de combate se baseia fortemente na doutrina empregada na Segunda Guerra da Chechênia e na intervenção militar na Síria, no qual danos significativos à infraestrutura urbana são inseridos no contexto de eliminação completa da resistência e posterior avanço para eliminação de unidades remanescentes, porém esgotadas (LATERZA *et al.*, 2023, p. 102).

No cenário de guerra no leste ucraniano, as forças ucranianas implementaram extensas defesas em profundidade ao longo de toda a linha de contato com as regiões de Donetsk e Lugansk, o que, em sinergia com as cidades, tem exigido muitos recursos e alto nível de tolerância de perdas em vidas e material por parte dos russos. Vale ressaltar que as cidades têm oferecido aos defensores ucranianos inúmeras possibilidades de deter e neutralizar as investidas russas, que precisam avançar com cuidado diante do risco de serem os russos atraídos para uma armadilha. Até o momento os russos não conquistaram nenhuma cidade que possa se definir como grande, seja em aspecto demográfico, seja em densidade urbana, tendo em vista que os avanços em direção a Kiev e a Kharkiv, as maiores cidades ucranianas, foram impedidos por feroz resistência baseada no espaço urbano. A conquista de densos núcleos urbanos exige operações complexas diante da presença de edifícios altos, áreas industriais, escolas, hospitais, centros de distribuição de energia, além de ruas e avenidas de diferentes tamanhos, dentre outras estruturas presentes na extensa rede urbana da Ucrânia (LATERZA *et al.*, 2023).

Como Rodolfo Laterza *et al.* (2023) nos ajudar a entender, as cidades ucranianas proporcionam muitas possibilidades aos defensores, que estão conseguindo êxito em desgastar as tropas russas que se aventuram em terreno urbano. Os avanços de blindados pelas ruas os tornam alvos fáceis, helicópteros igualmente são vulneráveis ao fogo de sistemas de defesa instalados na cidade, enquanto a infantaria, para avançar, deve limpar cada edificação antes de prosseguir, tornando o avanço lento e penoso, com alto custo em vidas, devido à resistência urbana, às armadilhas, às emboscadas e demais dispositivos improvisados instalados no terreno urbano, em ruas e edifícios. Por isso, ao assumir o comando das operações militares russas na Ucrânia, em outubro de 2022, o general Sergei Surovikin, conhecido como “general Armagedom”, realizou modificações táticas na estratégia militar russa, e, a fim de evitar baixas e perdas de material e facilitar a progressão no terreno urbano. Os russos agora procuram cercar as cidades e usar fogo de artilharia para destruir obstáculos e limpar o terreno, na tentativa de depreciar as defesas ucranianas.

Ainda de acordo com Rodolfo Laterza *et al.* (2023), essa tática cumpre o objetivo de suspender o abastecimento das tropas entrincheiradas na cidade e assim afetar as condições de subsistência da resistência ucraniana. Nesse âmbito, os ataques de artilharia, além de destruir fortificações,

esconderijos, equipamentos e munições inimigas, objetivam nivelar o espaço urbano, ao destruir edifícios, diminuindo o fator vertical de complexidade de várias camadas do espaço de batalha presente nos edifícios. Construções altas são eventualmente usadas como ponto de observação e disparo de atiradores e armas antitanque contra tropas que avançam pelas ruas. Outro fator de complexidade do espaço urbano ucraniano é a presença de túneis e áreas industriais, uma característica da herança soviética; portanto, comum nas cidades ucranianas, que oferecem um teatro de batalha de múltiplas camadas, isto é, de vários volumes, no campo de batalha.⁶

Embora os russos agora evitem invadir os principais centros urbanos, o avanço pelo terreno no leste ucraniano necessariamente precisa lidar com a questão urbana. Assim visto, como as cidades ucranianas passaram a ser usadas para desgastar as forças russas, os generais de Putin implementaram o arranjo tático de destruição massiva do espectro urbano com ataques de artilharia e bombardeios aéreos pesados com o propósito de enfraquecer as defesas ucranianas e modelar o campo de batalha a favor dos russos, favorecendo o avanço das tropas invasoras no vazio urbano destruído, para só em seguida ocupá-las. No entanto, a guerra urbana na Ucrânia não é uma questão circunscrita apenas ao elemento militar propriamente dito; o cenário ucraniano ainda oferece outras camadas adicionais de complexidade para os russos, ao lidar com o problema das cidades. Além da dificuldade de avanço pelo terreno urbano, muitas cidades ucranianas são habitadas por expressiva população russa. Segundo historiadores russos, a cidade de Kiev constitui o berço da civilização russa, possuindo, portanto, um importante vínculo cultural e uma forte identidade com a civilização russa, não sendo, de forma alguma, uma opção a sua destruição completa (LATERZA *et al.*, 2023).

Dessa forma, podemos evidenciar que os russos, ao adotar o “método” do urbicídio no trato com os centros urbanos ucranianos, aplicado com violência militar para atingir objetivos políticos através da destruição deliberada do ambiente construído, evitam os grandes centros urbanos, tanto pelas dificuldades operacionais que o terreno urbanizado impõe ao avanço militar quanto por questões identitárias e pelos possíveis danos a um patrimônio arquitetônico e histórico russo compartilhado com os ucranianos. Em seu avanço pelo leste ucraniano, os russos têm optado por ataques contra assentamentos urbanos pequenos e médios, embora de significativo valor; esses centros minimizam um pouco o número de perdas entre a população civil e exigem menor demanda do efetivo de tropas russas em relação a uma incursão em Kiev, hoje, aparentemente fora dos planos de Moscou.

Assim, é importante destacar que a tática de destruição de cidades e vilas ucranianas, mesmo massiva, não visa a uma destruição total e definitiva do espaço urbano ucraniano. Embora Moscou tenha intensificado os ataques contra áreas civis de Kiev, sua ação na porção Oeste, de maioria

⁶ Os aspectos tridimensionais do campo de batalha, que são enfocados por Weizman (2002, 2004, 2012), como volume político, ou simplesmente volumes, são produto de múltiplas camadas espaciais que possuem relação com estruturas e terreno verticalizado, além de estruturas subterrâneas que agregam extrema complexidade ao ambiente de combate. Embora o conceito seja amplo e não necessariamente relacionado ao terreno urbano ou às cidades em situações de conflito urbano, a noção tridimensional do espaço possui convergência direta com a noção de espaço de batalha de Graham (2011). Assim sendo, o emprego do conceito espaço de batalha, ainda que não seja, também, necessariamente exclusivo do espaço urbano, é mais adequado em cenário de conflito em ambiente construído de natureza mais complexa, como são as cidades e os espaços consideravelmente urbanizados. Deve-se então ressaltar, portanto, que as terminologias são complementares e analiticamente convergentes na perspectiva aqui enfatizada.

ucraniana, não visa aparentemente uma ocupação territorial baseada em destruição de infraestrutura e equipamentos urbanos como ocorre na linha de contato entre os dois exércitos. Nesse sentido, deve-se lembrar que os assentamentos ucranianos são lugares habitados também por russos; por isso, as ações militares de Moscou não devem ser vistas apenas como guerra de conquista e destruição infame ou sem sentido, mas, sim, como uma ação militar de organização do espaço cultural e político russo na porção Leste, de maioria russa, ao atender um propósito estratégico. Por esse aspecto, sobretudo no âmbito do urbicídio aplicado na Ucrânia, embora genuíno em suas características destrutivas, também implica urbanização como medida de (re)territorialização dos interesses de Moscou e da população russa naquela região.

Urbanização do urbicídio na Ucrânia: destruição e reconstrução de Mariupol

A história da Ucrânia está repleta de manifestações de urbicídio em vários episódios em que cidades foram alvo de intervenção militar. Antes da invasão russa de fevereiro de 2022, a destruição de cidades no território ucraniano, processo com sinais de urbicídio parcial, ocorreu no conflito de 2014-2016 em áreas urbanas de Donbas. De acordo com Slyvka e Zakutynnska (2016), na ocasião as regiões de Donetsk e Lugansk sofreram expressivas perdas de assentamentos urbanos, com significativos impactos sociais, destruição total ou parcial de moradias e infraestrutura, resultando em diminuição da densidade populacional em 20,2%.

Entre abril de 2014 e junho de 2016, as motivações do conflito entre ucranianos e russos estiveram vinculadas às demandas dos manifestantes no Leste que incluíam um referendo sobre a federalização da Ucrânia e o reconhecimento da língua russa como segundo idioma do país. Esse cenário de profunda crise evolui, entre outras razões, pelo aumento de hostilidades entre russos e ucranianos após a deposição do presidente Viktor Yanukovich, tido como um político pró-russo e aliado do presidente Vladimir Putin. O desenvolvimento das tensões entre russos e ucranianos, que foram acompanhadas de episódios de violência e perseguição contra russos em várias cidades ucranianas, estimulou as autoproclamadas repúblicas de Donetsk e Lugansk, de maioria russa, a reivindicarem sua separação da Ucrânia por meio da realização de um referendo popular, ainda em maio de 2014, quando os confrontos se intensificaram.⁷

Os conflitos armados ocorreram em áreas densamente povoadas da região de Donbas, com os grupos separatistas russos concentrando suas atividades na captura de estruturas administrativas e unidades militares. Grupos armados ucranianos, formados pelo exército, polícia militar (Guarda

⁷ Sobre as motivações e cenário geopolítico que influíam nas hostilidades entre ucranianos e russos, consultar Tomasz Koniecz (2022). Sobre as manifestações e agitação civil vividas na Ucrânia entre 2013 e 2014 que incorreram na queda de Viktor Yanukovich, episódio que se tornou conhecido como Euromaidan, ver os documentários de Paul Moreira, "Ukraine: the masks of revolution" (2016), que mostra além das reivindicações da população, a interferência estrangeira nos protestos e a forma como questões internas da Ucrânia foram manipuladas, numa espécie de golpe brando, para derrubar Yanukovich; de outro ponto de vista, mais favorável às reivindicações da população de maioria ucraniana, mas ainda assim nos moldes de uma revolução colorida, consultar o documentário de Evgeny Afineevsky, "Winter on fire: Ukraine's fight for freedom" (2015). Para uma visão de como movimentos de ativismo e manifestações democráticas de ordem nacional podem ser instrumentalizados por interesses externos, sugiro assistir, com um olhar crítico, o documentário de Richard Shaw, "Gene Sharp – how to start a revolution" (2011).

Nacional), Serviço de Segurança Nacional (NSS) e batalhões “voluntários”, como o Batalhão Azov,⁸ se opuseram aos separatistas russos. A maioria dos conflitos entre forças ucranianas e russas se concentraram em áreas urbanas e desde o início tiveram como objetivo a destruição de edifícios e infraestrutura urbana (SLYVKA, ZAKUTYNNSKA, 2016).

Com o aumento do uso de armamento pesado, incluindo artilharia, mísseis, tanques e aviação militar, houve a destruição deliberada de edifícios e serviços urbanos críticos, como água e eletricidade. Com a invasão russa de 2022,⁹ a formação de uma linha de confronto entre forças ucranianas e forças pró-Rússia, agora com a presença do Exército russo em suas frentes de combate, evolui para uma extensa linha de contato, uma típica “zona tampão”, cujas manifestações de urbidicídio mais severas, com a destruição de cidades por completo, se concentram nas áreas que percorrem a linha de combate entre ambas as forças. À medida que os combates se desenvolvem e as cidades e os assentamentos urbanos são implicados na dinâmica espacial do conflito, o campo de batalha tem se deslocado para os centros urbanos.

Segundo Kostyantyn Mezentsev e Oleksii Mezentsev (2022), somente nos primeiros 100 dias do início da invasão russa, em 2022, 147 cidades, aproximadamente um terço de todas as cidades da Ucrânia, foram significativamente atingidas por bombardeios ou combates urbanos. Nos ataques e combates urbanos, além de alvos militares e estratégicos, edifícios de valor simbólico, centros culturais, monumentos e uma ampla infraestrutura urbana sem aparente significância militar também foram destruídos. Embora Mezentsev e Mezentsev (2022) procurem mostrar o impacto dos ataques russos na estrutura urbana, deve-se considerar que as forças ucranianas também contribuíram com a destruição direta de edifícios e infraestrutura nos combates urbanos. Como força atacante os russos cercaram e sitiaram muitas cidades e assentamentos urbanos; contudo, o papel das forças ucranianas no cenário de guerra urbana, mesmo de impacto destrutivo menor, não deve ser negligenciado, tendo em vista, por exemplo, os ataques com uso de drones e mísseis no interior da Rússia visando a centros urbanos e estruturas civis.

Pode-se afirmar que a destruição urbana é maior na zona de contato entre ambos os exércitos, onde a estrutura urbana tem sido assimilada ao contexto do combate, e o próprio espaço urbano consiste no campo de batalha. O emprego ucraniano dos assentamentos urbanos em apoio operacional e como defesas urbanas fortificadas e a crescente militarização dos espaços urbanos cotidianos e da infraestrutura das cidades colocam as cidades e a vida urbana na retórica da guerra com as disputas

⁸ O Batalhão Azov embora hoje constitua uma brigada da Guarda Nacional, sendo fundado em 2014 como um batalhão de defesa territorial durante a guerra na região do Donbas, suas origens ainda são controversas. Inicialmente o regimento militar era formado por voluntários nacionalistas, criado para preencher a lacuna das defesas militares ucranianas. Em 2022 o regimento ganhou destaque durante a invasão russa da Ucrânia por lutar contra as forças russas na cidade de Mariupol. Após meses de combates intensos pela defesa da cidade, antes de se render às forças russas, o Batalhão Azov impôs uma feroz resistência aos invasores, ao sustentar uma posição de defesa no interior do complexo metalúrgico e siderúrgico de Azovstal. De acordo com Moscou, o Batalhão Azov era formado por combatentes de orientação nazifascista, e seus homens foram responsáveis por cometer uma série de crimes contra a população de origem russa, sendo seus líderes alvo prioritário da invasão.

⁹ Embora a mídia ocidental frequentemente retrate a invasão russa como uma agressão com pretensões expansionistas de Moscou, é importante ressaltar que as forças ucranianas já estavam em conflito contra grupos de defesa russos, no leste do país, apoiados por Moscou, e que desde 2014 conflitos eram comuns, com os ucranianos e não somente os russos, atacando e bombardeando cidades na região do Donbas e suas adjacências.

entre russos e ucranianos produzindo uma expressiva fragmentação do espaço urbano, envolvida em disputas territoriais e dinâmicas de des-re-territorialização.¹⁰ Nesse sentido, ambas as forças beligerantes visam a destruição da heterogeneidade, que é a essência da urbanidade, com o propósito de (re)territorializar a sua própria dinâmica urbana, marcada agora por um antagonismo pró-Rússia, fundado em uma visão da vida urbana e das cidades russas inscritas numa nostalgia soviética em confronto com o modo de vida ucraniano, ocidentalizado, que procura se apresentar moderno e em constante desenvolvimento, portanto, em aparente progresso.

É justamente nesse sentido que Mezentsev e Mezentsev (2022) indicam bem que a destruição de cidades e estruturas urbanas na Ucrânia tem sido planejada não só para atingir objetivos militares. O urbicídio ucraniano, para eles, além de toda a destruição, implica morte das cidades, motivada pela fuga e despovoamento dos assentamentos urbanos por causa da saída de moradores. Mariupol, uma cidade portuária e importante centro econômico, com mais de quatrocentos mil habitantes no início de 2022, é exemplo da dinâmica e dos processos de des-re-territorialização inscritos no contexto da guerra.¹¹ Além de uma remoção forçada de moradores da cidade por causa dos combates, agora uma dinâmica de (re)territorialização pró-Rússia assume um caráter altamente excludente, em que se ignora qualquer identidade que não seja a russa e se promove um retorno nostálgico à vida urbana soviética, excluindo, de todas as maneiras, a presença de ucranianos que vivem naquela cidade.

Segundo o relatório da *Human Rights Watch*, “Our city was gone: russia’s devastation of Mariupol, Ukraine” (2024), o ataque russo em Mariupol¹² (ver Figura 1) foi um dos mais destrutivos desde o início da guerra na Ucrânia, quando as forças russas e afiliadas fizeram uso de armas de vários tipos, incluindo bombardeios de tanques e artilharia pesada, lançadores de foguetes, mísseis e ataques aéreos em áreas povoadas. Esse tipo de armamento em áreas urbanas teve impactos devastadores sobre civis e infraestrutura urbana, deixando milhares de civis mortos e uma extensa destruição, que atingiu centenas de prédios residenciais, hospitais, instalações educacionais e infraestrutura de eletricidade e água. Além da destruição, o relatório também destaca que desde a ocupação da cidade as autoridades russas estão construindo novos edifícios residenciais como parte de seu plano declarado de reconstruir e urbanizar Mariupol até 2035. Em Mariupol as forças ocupantes estão eliminando características da identidade ucraniana por meio da destruição de referências culturais e simbólicas da paisagem da cidade, mudando o nome de ruas e incluindo a imposição de um currículo escolar russo.

¹⁰ Aqui enfatizamos a dinâmica espacial de des-re-territorialização na perspectiva de destruição e reconstrução do espaço urbano visando a propósitos políticos com usos militares. Ou seja, esse processo é focado na perspectiva da dinâmica espacial de deslocamento (forçado ou não) e organização do espaço urbano implícito ao urbicídio. Essa leitura está em sintonia com processos de des-re-territorialização, que implicam dinâmicas próprias de construção e desconstrução de territórios na perspectiva dos “aglomerados humanos de exclusão” descritos por Haesbaert — territórios marcados por relações de precariedade física e simbólica como os campos de refugiados. De toda forma, para um enfoque mais amplo recomenda-se a leitura de seus trabalhos de 2007, 2009 e 2014.

¹¹ Sobre a batalha entre russos e ucranianos por Mariupol, vale a pena conferir as produções mencionadas a seguir: “A batalha de Mariupol: quais os reais objetivos de Putin?”; “Guerra na Ucrânia – boletim #12 – o cerco de Mariupol”; “Como a Rússia venceu a sangrenta batalha por Mariupol”; “O fim da batalha de Mariupol”; “A batalha feroz por Mariupol: o cervo a Azovstal” e “Siege of Mariupol – animated analysis”, que, por fim, oferece uma interessante análise espacial das operações militares e combates na cidade. Todas as produções audiovisuais citadas estão indicadas ao final do artigo.

¹² Consultar também a publicação digital multimídia “Beneath the rubble: documenting devastation and loss in Mariupol” (2024), referenciada ao final do artigo.

Além disso, estão exigindo que os residentes obtenham passaportes russos para fins de identificação e aquisição de benefícios. Famílias atingidas pela guerra e que perderam suas casas, para receber um imóvel reformado e oferecido pelo governo russo, precisam trocar seus antigos passaportes pelo passaporte russo.

Figura 1 - Avanços das operações russas no primeiro ano da guerra com destaque para o cerco e conquista de Mariupol



Fonte: Alfredo Mergulhão, Luciano Ferreira e Paulo Assad, “Guerra na Ucrânia: entenda o primeiro ano do conflito em quatro mapas”, para *O Globo* (2013).

Em Mariupol a reconstrução da cidade é conduzida diretamente pelo Ministério de Defesa da Rússia. Sob administração russa, a cidade voltou a exibir símbolos soviéticos em monumentos. Desde que a cidade foi declarada “libertada” pelo presidente russo Vladimir Putin, em abril de 2022, a cidade passou a exibir os nomes de revolucionários do período soviético, além de símbolos antifascistas, que agora estampam os prédios do intenso processo de reconstrução da cidade. De acordo com Stefani Costa,

Um dos locais que prova o desejo de uma rápida revitalização da região é Azovstal, considerado um dos maiores complexos siderúrgicos da Europa antes da sua destruição em março de 2022. A restauração do monumento em homenagem aos trabalhadores da fábrica que perderam as suas vidas durante a Grande Guerra Patriótica (como os russos chamam a Segunda Guerra Mundial) é um sinal de que os escombros, que cercam o belíssimo tributo à classe trabalhadora, já têm os seus dias contados (2024, s/p).

No monumento, um marinheiro, um trabalhador e um soldado, sob os símbolos da “foice e o martelo”, que formam a insígnia da bandeira soviética, dão as boas-vindas aos que se aproximam do que restou da siderúrgica depois que o Exército russo venceu as batalhas pelo complexo siderúrgico, culminando na rendição dos últimos soldados do Batalhão Azov, que se escondiam no interior de Azovstal (ver Figura 2). Outro exemplo icônico da (re)territorialização russa na cidade é o monumento

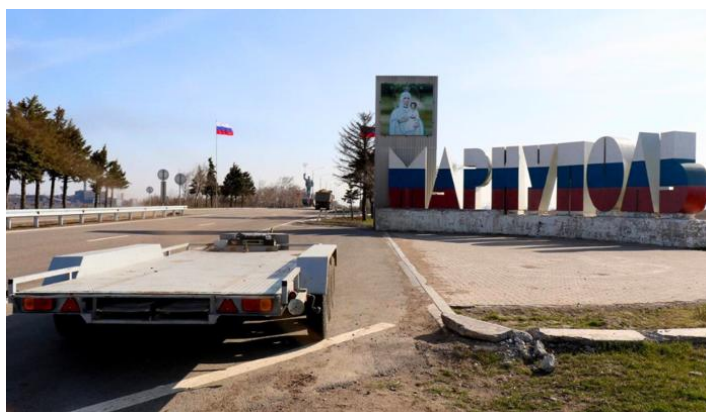
no porto de Mariupol, que, agora repaginado, carrega as cores russas em vez do amarelo e azul da bandeira ucraniana (ver Figura 3).

Figura 2 - Fachada do complexo metalúrgico e siderúrgico de Azovstal



Fonte: Stefani Costa, "Sob administração russa, Mariupol volta a exibir símbolos soviéticos em monumentos", para *Opera Mundi* (2024).

Figura 3 - Monumento russo no Porto de Mariupol



Fonte: Stefani Costa, "Sob administração russa, Mariupol volta a exibir símbolos soviéticos em monumentos", para *Opera Mundi* (2024).

Para Mezentsev e Mezentsev (2022), o que ocorreu em Mariupol e outras cidades ucranianas¹³ não foi apenas expulsão sistemática da população ucraniana e (re)territorialização russa, mas também substituição das antigas moradias e edifícios danificados por estruturas e moradias de baixa qualidade, com o intuito de produzir em tempo recorde uma urbanização fortemente amparada na identidade e cultura russa. Após o fim dos combates na cidade e estabilização do *front*, ainda em outubro de 2022, o

¹³ Embora Mariupol e outras cidades ocupadas pelas forças russas sejam formadas por população de maioria russa, preferimos o emprego da terminologia de cidades ucranianas com o propósito de mostrar que a cidade era antes da invasão russa administrada pela jurisdição do Estado ucraniano. Mesmo se considerarmos como concluída, ainda que as anexações tenham ocorrido à revelia do direito internacional, a anexação dos territórios dos Oblasts de Donetsk, Lugansk, Zaporizhzhia e Kherson pela Rússia, não deixa de ser controversa, mesmo após a realização dos referendos populares de 2022, é preferível, a título de redação do texto, ainda se referir às cidades ocupadas como territórios ucranianos.

Ministério de Construção e Habitação da Rússia divulgou um plano de repovoamento de Mariupol, que estabelece com bastante ênfase um programa de recuperação econômica da cidade. Segundo a matéria de Stefani Costa (2024), Moscou pretende, com isso, transformar Mariupol em um dos símbolos da recuperação das cidades retomadas durante a guerra; para tanto, busca torná-la um importante centro econômico e também uma referência da cultura russa na região.¹⁴

O caso de Mariupol e os de outras cidades sob ocupação russa são certamente exemplos de sinais de urbicídio, que agora se materializam não pela destruição massiva de edifícios e infraestrutura urbana, mas pelo controle socioespacial e exclusão que caracterizam o urbicídio indireto de um modelo de reconstrução que visa instaurar uma homogeneidade territorial pró-Rússia. A urbanização do urbicídio não é um fenômeno exclusivo da Ucrânia. Na Palestina, com a construção de assentamentos israelenses em Território Palestino Ocupado (ABUJIDI, 2014), ou na Síria, com a reconstrução de cidades destruídas pela guerra (SHARP, 2016), os mecanismos de controle e segregação socioespacial instauram uma nova territorialidade. Na Ucrânia esse processo assume uma magnitude nunca antes vista. Assim que os combates cessam, soldados e tanques dão lugar aos operários e escavadeiras, e rapidamente o campo de batalha se transforma em um grande canteiro de obras. Este novo arranjo espacial visa a configuração de uma ordem socioespacial amparada em mecanismos de controle e exclusão da população ucraniana, em que a urbanização do urbicídio assume papel de destaque na configuração de um amplo guarda-chuva de proteção no entorno estratégico de influência russa.¹⁵

Considerações finais

O urbicídio tem sido usado como um importante instrumento político de guerra nas e contra as cidades ucranianas com o propósito de alterar uma dada realidade e o cenário urbano. Isto ocorre não só por destruição direta, mas também por processos e dinâmicas espaciais de controle e exclusão fundamentados em planejamento e reconstrução do espaço urbano, que denominamos de urbanização do urbicídio. Essa forma híbrida de urbicídio associa destruição e reconstrução do espaço urbano em dinâmicas de deslocamento populacional e afirmação de identidades e referenciais simbólicos típicos dos processos de des-re-territorialização extremos e violentos.

Assim considerada, a dinâmica urbicida que destruiu e agora está reconstruindo e urbanizando Mariupol e outras cidades situadas em território ucraniano cuja população é majoritariamente russa opera por mecanismos de espoliação/desposseção que, ao expulsar ucranianos ou criar uma territorialidade estritamente pró-Rússia, assume caráter excludente e homogeneizador do espaço em função da identidade e valores russos. Esse processo de urbanização e reconstrução de cidades atingidas pela guerra ocorre de forma simultânea à destruição urbicida. À medida que algumas áreas são limpas da presença de tropas ucranianas e o território é ocupado com uma significativa margem de

¹⁴ Sobre a reconstrução da cidade de Mariupol, ver também: “Exército russo reconstrói edifícios em Mariupol e Volnovakha, na Ucrânia”; “Rússia quer entregar em setembro primeiras reconstruções em Mariupol”; “Ministério da Defesa da Rússia inspeciona trabalhos de reconstrução em Mariupol”; e “Brasileiro vê como Rússia está reconstruindo rapidamente cidade tomada” (ambas reportagens referenciadas ao final do artigo).

¹⁵ Mezentsev e Mezentsev (2022) chamam a área de influência do entorno estratégico da Rússia de “Mundo Russo”.

segurança, operários da construção civil assumem o lugar de soldados no terreno. Em Mariupol, o governo russo, por intermédio do Ministério de Defesa da Rússia, assumiu papel direto no planejamento urbano da cidade como parte do projeto de ocupação e organização do espaço cultural e político russo, que agora, em termos estratégicos, integra não só a região do Donbas, mas a maior parte (se não toda) da extensão dos Oblasts de Donetsk, Lugansk, Zaporizhzhia e Kherson.

Referências

ABUJIDI, N. **Urbicide in Palestine**: spaces of oppression and resilience. Nova York: Routledge, 2014.

COSTA, S. Sob administração russa, Mariupol volta a exibir símbolos soviéticos em monumentos. **Opera Mundi**. Brasil, 7 abr. 2024. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/guerra-na-ucrania/agora-sob-ocupacao-russa-como-esta-a-cidade-de-mariupol/>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

COWARD, M. Urbicide in Bosnia. In: GRAHAM, Stephen (Org.). **Cities, war and terrorism**: towards an urban geopolitics. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004, p. 154-171.

_____. **Urbicide**: the politics of urban destruction. Nova York: Routledge, 2009.

DANIELSSON, A. The emergence of a military urban in and of war. **Annals of the American Association of Geographers**, p.1-15, nov. 2024.

FREGONESE, S. The urbicide of Beirute? Geopolitics and the built environment in the Lebanese civil war (1975–1976). **Political Geography**, v. 28, p. 309-318, 2009.

_____. **War and the city**. Urban geopolitics in Lebanon. International Library of Human Geography: I. B. Tauris, 2019.

GRAHAM, S. Cities as strategic sites: places annihilation and urban geopolitics. In: _____. (Org.). **Cities, war and terrorism**: towards an urban geopolitics. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004a. p. 31-53.

_____. **Cities under siege**: the new military urbanism. Londres: Verso, 2011.

_____. Constructing urbicide by bulldozer in the occupied territories. In: _____. **Cities, war and terrorism**: towards an urban geopolitics. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004b. p. 192-213.

_____. Introduction: cities, warfare, and states of emergency. In: GRAHAM, S. (Org.). **Cities, war and terrorism**: towards an urban geopolitics. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004c. p. 1-25.

HARVEY, D. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

_____. **O novo imperialismo**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

Human Rights Watch. Beneath the rubble: documenting devastation and loss in Mariupol. **Human Rights Watch**, 2024. Disponível em: <<https://www.hrw.org/feature/russia-ukraine-war-mariupol>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

_____. “Our city was gone”: Russia’s devastation of Mariupol, Ukraine. **Human Rights Watch**, 2024. Disponível em: <https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2024/02/ukraine0224web_0.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2025.

KING, A. **Urban warfare in the twenty-first century**. Cambridge, RU: Polity Press, 2021.

KONICZ, T. **Ucrânia o “Grande Jogo”**: a luta pelo poder entre o leste e o ocidente na crise global. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022.

LATERZA, R. [et al.]. **Guerra na Ucrânia: análises e perspectiva: o conflito militar que está mudando a geopolítica mundial**. São Paulo: D'Plácido, 2023.

MENDONÇA, M. J. **Espaço de batalha e urbicídio na cidade do Rio de Janeiro**. São Paulo: Dialética, 2022.

_____. Guerra urbana em Gaza: 100 dias de combate entre Israel e Palestina. **Ensaios de Geografia**. v. 11, n. 24, p. 1-30, 2024a.

_____. Urbanização do urbicídio no Rio de Janeiro. **Novos Olhares Sociais**, v. 7, n. 1, p. 40-61, 2024b.

MERGULHÃO, A; FERREIRA, L; ASSAD, P. Guerra na Ucrânia: entenda o primeiro ano do conflito em quatro mapas. **O Globo**. Brasil, 24 fev. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2023/02/guerra-na-ucrania-entenda-o-primeiro-ano-do-conflito-em-quatro-mapas.ghml>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MEZENTSEV, K.; MEZENTSEV, O. War and the city: Lessons from uricide in Ukraine. **Czasopismo Geograficzne**, v. 93, n. 3, p. 495-521, 2022.

MORAG, N. Urban warfare: the recent Israeli experience. **Journal of Strategic Security**, v. 16, n. 3, p. 78-99, 2023.

SHARP, D. Uricide and the arrangement of violence in Syria. In: SHARP, Deen; PANETTA, Claire (Orgs.). **Beyond the square: urbanism and the Arab Uprisings**. New York: Urban Research, 2016, p. 118-140.

SLYVKA, R. ZAKUTYNSKA, I. Spatial features of military uricide in Ukraine. **Acta Geographica Silesiana**, v. 23, p. 97-109, 2016.

SOUZA, M. L. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SPENCER, J. The eight rules of urban warfare and why we must work to change them. **Modern War Institute**, 1º de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://mwi.usma.edu/the-eight-rules-of-urban-warfare-and-why-we-must-work-to-change-them/>>. Acesso em: 6 de janeiro de 2024.

WEIZMAN, E. **Hollow land: Israel's architecture of occupation**. Nova York: Verso, 2012.

_____. Strategic points, flexible lines, tense surfaces, and political volumes: Ariel Sharon and the geometry of occupation. In: GRAHAM, Stephen (Org.). **Cities, war and terrorism: towards an urban geopolitics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 172-191.

_____. The politics of verticality. **Open Democracy**. Londres, texto de 11 partes disponibilizado entre 23 de abril e 1º de maio de 2002. Disponível em: <<http://www.opendemocracy.net/>>. Acesso em: 26 de mar. 2014.

Produções audiovisuais (documentários e outras mídias)

A BATALHA de Mariupol: quais os reais objetivos de Putin? **Almanaque militar**. Youtube, 9 abr. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v8lUibqKWus&t=8s>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

A BATALHA feroz por Mariupol: o cerco de Azovstal . **Boletim de Guerra**. Youtube, 9 mar. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m99H_2R9IhE&list=WL&index=519>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASILEIRO vê como Rússia está reconstruindo rapidamente cidade tomada. **Gazeta do mundo**. Youtube, 12 set. 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zklFvD7Vdg&list=WL&index=432>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

COMO A RÚSSIA venceu a sangrenta Batalha de Mariupol – DOC #226. **Sala de guerra**. Youtube, 31 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XINMgd5wpuo&t=4s>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

EXÉRCITO russo reconstrói edifícios em Mariupol e Volnovakha, na Ucrânia. **EFE Brasil**. Youtube, 30 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bs3EBeyIVmM&list=WL&index=398>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

GENE SHARP – how to start a revolution. Direção: Ruairidh Arrow. Produção: Richard Shaw [uma produção independente em associação com a **Lion Television**]. 2011. (82min).

GUERRA na Ucrânia – Boletim #12 – o cerco de Mariupol. **Hoje no mundo militar**. Youtube, 3 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y3Xx8JwNdaY>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MINISTRO da Defesa da Rússia inspeciona trabalhos de reconstrução em Mariupol. **EFE Brasil**. Youtube, 6 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yi8-Fn84Gw8>>. Acesso em: 9 jan. 2025.

O FIM da Batalha de Mariupol. **Hoje no mundo militar**. Youtube, 17 mai. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rvDfzBtL6Vw>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SIEGE OF MARIUPOL – animated analysis. **War Archive**. Youtube, 13 set. 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vw3JFbeF8Vs&t=1s>>. Acesso em: 20 set. 2023.

UKRAINE: the masks of the revolution. Direção: Paul Moreira. Produção: **Canal+**. 2016. (54min).

WINTER ON FIRE: Ukraine's fight for freedom. Direção: Evgeny Afineevsky. Produção: **Netflix**. 2015. (98min).

Recebido em 2025-07-05.

Publicado em 2025-07-24.